

Um olhar benjaminiano à luz da perda da experiência na linguagem dos emojis

A Benjamin look in the light of the loss of experience in the language of emojis

Deividy Ferreira dos SANTOS¹

Resumo

A obra de Walter Benjamin, hoje, é um convite ao pensamento sobre nossa própria existência e sobre o nosso lugar no mundo. Neste trabalho, pretende-se discutir a partir da linguagem dos *emojis*, fenômeno da cibercultura que se materializou nas redes sociais, a ocorrência por uma perda da experiência nessa relação/troca com o outro. Levantamos a hipótese de que devido à necessidade desenfreada por uma comunicação veloz, característica tão forte de nossa sociedade contemporânea, as relações e as experiências que atribuímos e que compartilhamos com o *outro* são impactadas e, conseqüentemente, contribuimos para um estreitamento da experiência na modernidade: uma experiência diminuída.

Palavras-chave: Experiência. Walter Benjamin. Linguagem. Perda.

Abstract

Walter Benjamin's work today is an invitation to think about our own existence and about our place in the world. In this work, we intend to discuss, based on the language of emojis, a phenomenon of cyberculture that materialized in social networks, the occurrence of a loss of experience in this relationship / exchange with the other. We raised the hypothesis that due to the unbridled need for fast communication, such a strong characteristic of our contemporary society, the relationships and experiences we attribute and share with others are impacted and, consequently, we contribute to a narrowing of the experience in modernity: a diminished experience.

Keywords: Experience. Walter Benjamin. Language. Loss.

Introdução

Uma leitura em constante metamorfose é aquela em que o fazer artístico não se apresenta cristalizado e fixo. É, em tese, um mergulho nas profundezas da memória, cuja relação de troca e de experiências que atribuímos ao outro se molda cada vez mais

¹ Mestrando em Teoria da Literatura, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista CAPES. E-mail: deividyferreira@outlook.com

performática e sempre em transformação. Esse atributo experiencial que muitas vezes está atrelado à conduta humana nos faz pensar sobre nós mesmos e consubstancialmente sobre nossa própria existência e lugar no mundo. Neste prisma, a(s) obra(s) de Walter Benjamin, nos idos de 1930, passado todo esse período, hoje, na nossa sociedade contemporânea, é um convite à incorporação dessas questões (que ele aborda muito bem em seus textos) ao nosso meio social, cultural e pessoal. A experiência literária, tema caro aos estudos de Benjamin, nos permite perceber as diferentes materializações que essa corporação do humano frente às relações pessoais nos permite enxergar nas experiências, hoje, caóticas e fragmentárias, reflexos da nossa sociedade contemporânea.

Para Walter Benjamin, fazendo uma contextualização histórica acerca de suas obras, já que muitos de seus textos são escritos na década de 1930, a experiência na modernidade, por outro lado, restringe-se a uma experiência diminuída, que se reflete como um retrato dos indivíduos modernos que não mais se pautam no coletivo, na comunidade como um todo. O que acontece são meras experiências em cima de experiências. Ou seja, temos em nossa própria constituição um esvaziamento da experiência. Aquilo que se aprendia de ouvido já não tem mais sentido na sociedade estruturada em função da técnica. Hoje, infelizmente, vivemos em uma sociedade cuja primazia pelas trocas rápidas acontece de forma desacelerada e as vivências, no sentido da aproximação, do estar junto do outro, não mais se aplica. Um dos problemas da sociedade, nesse sentido, é que nós não damos o tempo de as coisas acontecerem, de acabarem; de as coisas se extinguirem; de perecerem, de morrerem, é tudo muito instantâneo, é experiência em cima de experiência.

Anos atrás, Walter Benjamin já falava sobre cinema, fotografia e de meios de comunicação de massa tradicionais, ou seja, essas materializações eram vistas a partir das experiências propiciadas pela época. Então, trazendo essa ideia para a nossa contemporaneidade, podemos concluir que esse tipo de experiência se torna deveras complexas, onde as pessoas vivem cada uma do seu jeito, atomizadas em seus pequenos mundos, enquadradas em seus próprios espaços, ao mesmo tempo em que estão virtualmente conectadas com o mundo via *Internet*.

Em outras palavras, se nas sociedades ditas tradicionais o homem, por meio dessas ferramentas tecnológicas, propiciava um compartilhamento de ideias e de experiências em prol de um conjunto de pessoas e de uma coletividade, hoje, no

entanto, temos uma descaracterização desse tipo de relação e contato com o outro: se antes era tudo mais coletivo, hoje, primamos pela individualidade. No ano de 1930, Walter Benjamin já nos alertava sobre esse possível empobrecimento das experiências. Neste ponto, se mostra, com precisão, a atualidade do crítico: um fazer literário que ultrapassa as fronteiras do tempo e se torna tão urgente na sociedade atual.

No entanto, essa conexão, propiciada muitas vezes pela rapidez e pela instantaneidade da *internet*, não diz muito das experiências, uma vez que estas estão a todo o momento sendo substituídas pelo meio virtual. E o contato físico, o pensar aqui e agora está ficando cada vez mais descartado. A *internet*, nesse sentido, tem facilitado a conversação entre as pessoas em todas as diversas partes do mundo, é fato, mas as partilhas entre esses mesmos usuários não acontecem de forma calorosa. Essa questão fica mais clareada se pensarmos, por exemplo, na linguagem dos *emojis*. Se por um lado, a perda de uma experiência com o outro acaba sendo incompleta e passageira, devido a maleabilidade de nossas relações, com os *emojis* essa “troca” só reverbera o quão fragmentário se encontra nossos diálogos, e o envio de um *emoji* em determinada interação nossa com o outro, às vezes, repercute negativamente na forma como o outro nos enxerga ou de como nós gostaríamos que ele nos visse.

Assim sendo, por trás da *internet* e dessa linguagem marcadamente visual, a troca de experiências acaba ficando fragmentada; a rapidez nas trocas comunicativas, que hoje é reflexo de toda uma cultura imagética, contribui para que essa aproximação entre os usuários se torne cada vez mais passageira. É importante deixar claro que Walter Benjamin embora seja um intelectual da década de 1930, muitas de suas obras, ao longo do tempo, acabaram sendo editadas e reeditadas pensando no leitor contemporâneo, por isso, optamos por trazer contribuições, de preferências, de seus trabalhos mais atuais, mas não descartando suas reflexões passadas, até porque o pensamento, com o passar do tempo, apenas se fortalece e ganha novas formas de leituras. Talvez, no entanto, esse seja o principal objetivo dessa discussão: permitir e se permitir novas leituras ao texto benjaminiano.

O crítico, por outro lado, já nos ratificava a ideia de que estamos vivendo o momento da brevidade e da praticidade, ou seja, não vivenciamos as experiências como elas efetivamente acontecem. Elas acabam se tornando apenas experiências vividas, mas que nada acrescentam, tendo em vista que os indivíduos, como já discutido, vivem em seus mundos solitários e isoladamente.

Pensar a obra de Walter Benjamin na atualidade é perceber uma constelação de imagens em total metamorfose. Benjamin é um escritor, professor, militante, filósofo e crítico literário (para ficarmos apenas nesses) que vai além do seu tempo: ele consegue fazer com que suas obras ultrapassem o tempo e que nas fronteiras da memória nos conduza a ser viajantes e colecionadores de suas obras ao mesmo tempo, características tão bem atribuídas ao próprio Benjamin.

Assim sendo, sua obra é o seu próprio cerne, sua própria história e sua própria existência. Seus escritos pautam-se em fragmentos, no sentido mais geral da palavra, não são textos fáceis de serem lidos, é preciso maturidade, experiência; é preciso ler as entrelinhas, é preciso sentir o mundo de Benjamin dentro de nosso próprio mundo. É, na verdade, um encontrar-se dentro e na vida do outro, pois afinal de contas é sempre uma leitura que permite a outra.

Neste trabalho, portanto, pretende-se mostrar como Walter Benjamin pode ser pensado na atualidade, mas não se esquivando do passado. Nesta discussão, passado e presente se entrelaçam; na sequência, de que forma as experiências, os limites entre o público e o privado, os limites entre o pessoal e o íntimo, a linguagem dos *emojis*, que hoje nessa sociedade mais voltada demasiadamente pela imagem, tem se tornado tão caótica ao ponto de as relações sociais encontrarem-se fragmentadas serão discutidas.

Seguindo esse direcionamento, pretende-se responder ao seguinte questionamento: que tipo de sociabilidade se cria nesse empobrecimento da linguagem, fruto das experiências fragmentadas e passageiras, nessa necessidade de uma relação mais rápida entre os usuários? O trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, discute-se sobre a experiência em Walter Benjamin, como acontece e que impacto ela pode causar na sociedade atual; na segunda e última seção, dá-se ênfase à linguagem dos *emojis*; tentaremos mostrar que a linguagem é afetada pela perda da experiência e que esse impacto ficará mais evidente a partir do uso dos *emojis*.

O ser e o estar (no mundo) a partir da experiência em Walter Benjamin

Para Walter Benjamin (1994), a experiência seria uma possibilidade de constituição de visões que façam sentido para nós, mas na relação com o outro, e que nos torne muito mais humanos na construção de uma visão comunitária; experiência que nunca é aquela que vai traduzir experiências absolutas, pois sempre é aberta,

oferece possibilidades da continuidade. Benjamin ainda vai dizer que com o avanço das relações capitalistas de produção até pelos movimentos da máquina, que são individualistas e mecânicos, que não envolvem o todo do sujeito, permitem com que percamos a oportunidade de construir relações mais inteiras, relações capazes de nos trazer mais significados. Isso mostra a dificuldade de as pessoas estarem intercambiando visões, emoções, conhecimentos, produzidos na relação com o outro.

Além disso, é importante ressaltar que na correspondência quando nos aproximamos do outro, mesmo que seja para a negação da fala, mas que existe uma possibilidade de comunicação mais profunda, mais racional, sensível, produzimos elementos de volta, ou seja, há uma troca, há uma comunicação íntima, é o que Walter Benjamin vai chamar de *correspondência*, que estaria na experiência. Importante lembrar que correspondência não é empatia; a empatia estaria nas vivências, existe uma pretensa similaridade – você achar que é igual ao outro – e, portanto, não há relações, não há intenção, não há encontro, não há correspondência, não há troca e, finalmente, não há experiência.

A experiência sempre foi um ponto de comunicação entre a juventude, porque essa é o lugar temporal mais próspero e fértil, é o lugar onde há mais possibilidade de florescimento de princípios de aprendizagens. No entanto, na sociedade atual tem se tido um declínio das experiências positivas. Desse modo, o esvaziamento da experiência não significa que estamos em busca de uma nova experiência, de uma nova ideologia, de um novo sentido, de uma nova utopia, de um novo momento, de uma nova vida, significa que os homens querem libertar-se de todas as experiências ancestrais, passadas; eles querem se esquecer das experiências passadas, para viverem somente o atual, o momento, o contingente.

No texto *Experiência e Pobreza*, reeditado no ano de 1994, Walter Benjamin nos assevera que: “Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge, assim, uma nova barbárie” (BENJAMIN, 1994, p. 115), esse excerto é na verdade um convite à perplexidade para nos posicionarmos diante da modernidade. Walter Benjamin apreende com o marxismo a metodologia dialética, a imagem dialética, mas ele a ressignifica, pois trabalha com a dialética em imobilidade, que é uma ressignificação da palavra, por que ele quer chamar a atenção dessa possibilidade de nós pararmos um instante perante um momento de diálogo, de encontro, de correspondência, flagrando realmente essa mônada.

Feito isso, de acordo com o pensamento de Walter Benjamin, nós conseguiríamos perceber os movimentos dialéticos como se fosse uma fotografia, para parti-la perceber os movimentos que ela traduz e instaura. Isso é importante para que não se automatize o próprio conceito de dialética e para que não se perceba que envolve uma reação muito dinâmica de ida e volta de encontros e pontos e que não se trata de uma leitura do contínuo, da história, ao passo que é a forma de olharmos para a modernidade.

A sociedade dos dias de hoje, seguindo esse delineamento, devido ao grande e excessivo desenvolvimento tecnológico e das ferramentas midiáticas, encontra-se fragmentada e fechada em si mesmo. As trocas e as relações sociais entre os sujeitos prendem-se, portanto, a uma mecanização e a necessidade de uma relação mais rápida o que tem refletido negativamente no empobrecimento da experiência. O próprio sistema produtivo leva-nos a este processo de pobreza da experiência, pois como nos diz Meinerz (2008, p. 56) “são criados microssistemas nos quais as pessoas se relacionam de maneira isolada e superficial”. Já dizia Walter Benjamin que por meio das experiências encontramos a felicidade nas relações de trabalho.

Na sociedade atual tem-se a predominância de vivências automatizadas, vivências que não fazem sentido nem para nós e nem para o outro. Todavia, em nome dessa sobrevivência material da qual estamos imersos, vamos maquinalmente reproduzindo, esquecendo que nós somos seres que vivenciamos relações ou que deveríamos viver relações, para constituirmos significados mais profundos e mais inteiros. Isso pertence não somente a nossa racionalidade, mas o sentido capaz de tomar corporeamente as nossas sensibilidades e as nossas inteirezas, sobretudo na nossa relação com o outro.

A procura desenfreada pela imagem, pelo visual e por essa sociedade que cada vez mais se encontra alienadora e consumista, a perda e o empobrecimento da experiência acabam sendo atingidos negativamente. O sujeito trabalhador que necessita de estar incluso, por diversos motivos, dentro dessa sociedade mecanicista e mercadológica, tem perdido seu espaço de protagonismo e muitas vezes se perde a consciência de suas próprias experiências. O que Walter Benjamin (1994) nos assegura é de que esse empobrecimento da experiência contribui para que o homem perca o verdadeiro sentido da vida. O sujeito acaba por não ter livre expressão do pensamento, ele age pelo que o mercado exige dele. Assim, na sociedade contemporânea, tem se

dado ênfase pelas experiências em cima de experiências e conseqüentemente essa experiência é sem aura, sem alma, sem vida, sem sentido, sem significado, sem ideologia, sem rumo e sem causa.

Nesse sentido, o empobrecimento ou a falta dessa experiência na sociedade atual é ainda a aposta de que essa troca ou a falta dela encontra-se externa ao homem. O ser e o estar no mundo do indivíduo ficam camuflados e devido a isso as relações sociais, pessoais ficam impactadas, e o indivíduo perde a chance de ter sua experiência normal, como ela deve ser. No entanto, Walter Benjamin (1994) no texto *Experiência e Pobreza*, nos alerta para a ideia de que a experiência nunca é individual, sempre é pensada por alguém e para alguém. As narrativas cotidianas seriam, portanto, exemplos dessa experiência. Assim, para Benjamin (1994):

A informação só tem valor no momento que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1994, p. 178).

Desta maneira, as experiências deixam de ser comunicáveis devido à falta de interação entre os indivíduos, e esses sujeitos vão ficando cada vez mais excluídos, pois a sociedade capitalista somente proporciona experiências rápidas, momentâneas. Neste sentido, é necessário reafirmar que o papel da comunicação e da midiaticização na sociedade atual é imprescindível para a compreensão de que essa técnica fortemente engajada rompe com as fronteiras espaciais e temporais da experiência. Vários artefatos sociais, culturais, políticos e estéticos não permitem que as experiências se deem por completas, por inteiras, levando, conseqüentemente, a um lugar marginalizado, bulício da modernidade.

A esse respeito, Samuel Mateus (2014), no trabalho, intitulado *A experiência e a vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação* assevera-nos que:

Existe uma incerteza constitutiva nas reflexões de Benjamin que deixa espaço a que pensemos a vivência enquanto qualidade experiencial. Atendendo à interpretação apresentada, Experiência e Vivência não são conceitos necessariamente inconciliáveis. É verdade que constituem termos antagônicos nalguns escritos de Benjamin (sobretudo nos de juventude). Porém, se considerados à luz de uma dialética temporal, e se repararmos na importância que, em 1939, o

ensaísta alemão dá a Baudelaire e à sua poética das vivências, Experiência e Vivência parecem denunciar uma complementaridade. Se a experiência vivida (Erlebnis) significa um empobrecimento, por outro lado, isso parece não impedir que a consideremos, enquanto unidade experiencial, como condição da própria Experiência (Erfahrung) (MATEUS, 2014, p. 8).

Corroborando com a ideia apresentada, a obra de Walter Benjamin é plurissignificativa, multifacetada e isso, certamente, gera ambiguidade. É preciso ler Benjamin no mais complexo e polissêmico que ele possa ser, pois nos faz refletir sobre o nosso entorno e sobre a nossa própria experiência nesse mundo tão caótico, midiático e visual. Não seria diferente com os conceitos de experiência e vivência. A ideia conclusiva que temos a esse respeito é que a própria possibilidade da vivência se alimenta e se desagua na experiência.

A experiência e seu impacto no multifacetamento da linguagem

A linguagem, para Walter Benjamin, não é uma mera abstração. É a oportunidade de nos tocar corporeamente, de nos trazer experiências e nos mover no nosso comodismo. Assim, para ele, a “língua ou a linguagem significa o princípio que se volta para a comunicação de conteúdos espirituais nos domínios em questão: na técnica, na arte, na jurisprudência ou na religião” (BENJAMIN, 2011, p. 49-50), de acordo com esse posicionamento, a linguagem não está atrelada somente à comunicação; pelo contrário, a linguagem, enquanto artefato linguístico e retórico, está além dessa categoria: refere-se, sem medidas, a todos os aspectos da vida humana, da vida em suas mais profundas análises.

A linguagem se pensarmos enquanto entidade linguística é a forma pela qual os indivíduos interagem uns com os outros. Tudo que estiver, hoje, relacionado com a natureza humana refere-se à linguagem. No ensaio, intitulado *Sobre a linguagem em geral e a linguagem dos homens*, Walter Benjamin divide/classifica a linguagem em duas nuances/categorias: linguagem dos homens e linguagem em geral, com a intenção de mostrar que o que existe, em geral, é a linguagem das coisas. Segundo Benjamin, não é adequado pensarmos que há certa divisão/disparidade entre essas duas nuances, pois existe a linguagem e acredita-se que não seja possível/cabível refletirmos a mesma sem pensar ela fora dessa categoria.

Pensando nisso, Walter Benjamin, diz que:

A existência da linguagem estende-se não apenas a todos os domínios de manifestação do espírito humano, ao qual, num sentido ou em outro, a língua sempre pertence, mas a absolutamente tudo. Não há evento ou coisas, tanto na natureza animada, quanto na inanimada, que não tenha, de alguma maneira, participação na linguagem, pois é essencial a tudo comunicar seu conteúdo espiritual (BENJAMIN, 2011, p. 50-51).

Desse modo, a linguagem se reflete na criação humana e não somente a vida humana, ideia que por muito tempo foi fortemente contemplada. A ideia de linguagem restrita ao homem, a ideia de que somente o ser humano é quem tem a capacidade de desenvolver uma forma de linguagem, uma forma de se comunicar não é mais completa. A linguagem como artefato de todas as coisas é a falta de se compreender a linguagem como sendo constituinte de toda a criação humana; quando essa compreensão não é aceita pelo fato de não contemplarem as coisas como sendo linguagem, esse conhecimento se torna incompleto, inconcluso.

O homem e as coisas, assim, de acordo com Benjamin, são possuidores de linguagem. Benjamin ainda nos diz que “a informação só passa a existir quando a comunicação do homem é dirigida para o exterior, ou seja, ela é utilizada como simples meio e tendo, também, um objetivo específico: acrescentar algo ao seu discurso” (BENJAMIN, 2011, p. 65). Assim, concordemos com Araújo (2012), quando ele afirma que “esse acréscimo se dá de modo superficial, pois o entendimento das coisas não pode ser buscado fora da linguagem” (ARAÚJO, 2012, p. 41). Para Araújo (2012, p. 33), “A linguagem das coisas é muda, é uma espécie de linguagem silenciosa; a linguagem dos homens, que é a linguagem nomeadora, é a linguagem sonora”. Desse modo, não são conceitos que se afastam, mas que mantêm uma relação complementar entre ambos, pois, afinal de contas, a complementação ocorre entre a “mudez das coisas e a sonoridade do homem” (p. 36).

No texto, *O narrador* (1993), Benjamin ensaia como a linguagem da informação interfere no processo de extinção da arte de narrar:

Com a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Essa nova forma de comunicação é a informação (BENJAMIN, 1993, p. 218).

Assim, tendo em vista que a informação é fixa, limitada e engessada, a informação agora influencia o próprio ato comunicativo, pois, ainda, de acordo com Araújo (2012, p. 41) “ao contrário, a narração, que era transmitida oralmente, é uma linguagem viva. Os narradores utilizavam a comunicação para transmitir ensinamentos, adquiridos através da própria experiência”. Como discutido, a linguagem tem fundamental importância para a compreensão e a instauração da experiência na sociedade e na vida de cada indivíduo. Se a experiência, de forma bem simples, é o ser e o estar no mundo, é por meio desta que a linguagem se instaura, a linguagem, a meu olhar, já é carregada de experiência, por isso a complementação de ambas, afinal a linguagem está presente na criação humana e essa criação, logicamente, é permeada por experiências, por multifacetamentos assim como a linguagem.

No período da burguesia, podemos afirmar que as relações e as trocas estabelecidas com o outro acontecia por meio das vias tecnológicas. A imprensa, a título de exemplificação, foi muito tempo o propulsor de informações e de forma instantânea, ou seja, as matérias que eram do interesse da corte e da burguesia eram transmitidas de forma veloz e instantânea; por outro lado, no entanto, através da linguagem humana essa comunicação poderia ser mais duradoura, já que o homem não teria o domínio total da técnica, digamos assim. Assim, se observa mais um cuidado com a informação e a transmissão dessa do que mesmo com a linguagem.

A linguagem dos *emojis* e a perda da experiência

Partindo do pressuposto de que toda forma de comunicação é mediada por algo ou alguém, a sociedade dos dias atuais tem dado grande preferência ao visual, ao que chama atenção. A comunicação por escrito, por exemplo, ainda é necessária, mas o imagético tem grande espaço nessa comunicação também; as imagens, as cores, a rapidez, a troca têm chamado a atenção das pessoas, e a experiência, portanto, que é fruto dessas relações que estabelecemos com o outro, é de certa forma afetada, não se tem mais sociabilidade, as experiências estão marcadamente rápidas, escassas, sem significação, previsíveis, com apenas um objetivo: responder em tempo real o usuário.

Para Benjamin (1996), ler é um processo que se constitui telepaticamente, de forma que tudo acaba se relacionando em um ciclo de imitação/semelhança, por mais

limitado que considerasse a teoria, demonstrava interesse pelas teorias onomatopaicas em torno da origem da linguagem. O autor não considerava que a capacidade mimética humana fosse substituída por uma espécie de pensamento abstrato/racional, mas que havia se concentrado na linguagem escrita.

A partir dessa ideia, Benjamin buscava discutir levando a uma reflexão crítica os movimentos de transição dentro da linguagem como a pintura à escrita e dando continuidade podemos pensar nessa transição da linguagem escrita para a linguagem visual, especificamente através dos *emojis*, dessa forma, ainda de acordo com as ideias benjaminianas, existe no uso dos *emojis* um impulso mimético que se inscreve no espaço virtual, uma expressão do que o pensamento demonstra uma experiência, talvez um empobrecimento da experiência e, por fim, um formato que reflete a sociedade atual que busca caminhos mais rápidos, inclusive na interpretação de sentimentos.

Acreditamos, portanto, que esse retrato ilusório, reflexo de nossa sociedade contemporânea, ajuda a pensarmos na perda de experiência como algo que pode ser revertida a partir do uso das aplicações tecnológicas. Isto é, se estamos acostumados a lidar com o que é passageiro, com a rapidez das coisas e dos sentimentos, é porque as tecnologias, de maneira geral, têm contribuído para esse fim, já que estas estão cada vez mais presentes na vida do homem em sociedade.

No entanto, se pararmos um pouco para refletir e sentir a presença do outro em nossa vida, que está a cada dia cada vez mais difícil e distante, certamente iremos chegar à conclusão de que as experiências que atribuímos na relação com o outro podem, sim, ser mudadas e evidentemente revertidas. Esse poder de mudanças está no ser humano e não nas tecnologias. Estas são moldadas de acordo com os nossos interesses e vontades, por isso essa reversão poderá acontecer, se dermos mais valor ao que de fato nos importa que é saber viver em coletividade.

Devido a essa necessidade por uma comunicação em tempo real, a linguagem dos *emojis* tem tido grande efeito. Concordemos com a pesquisadora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2016) quando a mesma afirma que: “O crescente uso dos *emojis* é uma tentativa de transmitir mais sentido de forma mais econômica em determinados contextos de interação, mas, ao mesmo tempo, fazendo emergir sentidos acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções, as imagens são sempre mais fortes e é muito mais fácil enviar um coração pulsando do que dizer para um amigo “eu te amo” (PAIVA, 2016, p. 396 grifo da autora). A exigência por uma

comunicação cada vez mais veloz faz com que os usuários recorram ao uso mais frequente dos *emojis*, já que estes, quase sempre, além de ser mais eficiente consegue transmitir sensações e sentimentos, concordando com a pesquisadora mencionada.

Dito isso, a seguir, mostraremos alguns dos principais *emojis* mais recorrentes nas conversas entre os usuários que utilizam, por exemplo, o WhatsApp, bem como os seus significados; em seguida, tentaremos discorrer como acontece uma perda da experiência entre dois usuários distintos, a partir de duas situações comunicacionais propiciadas pelo aplicativo WhatsApp.

Figura 1 - Figurinhas utilizadas no aplicativo *WhatsApp* e seus respectivos significados



Fonte: imagens extraídas da *Internet*. Acesso em 20 fev 2020.

Como podemos perceber a partir das imagens, para cada *emojis* há uma definição diferente, ou seja, os *emojis* representam determinados papéis a partir da finalidade com que eles são apresentados na conversa com o usuário. Podemos notar também que a imagem, as cores, os traços e a fisionomia de cada *emojis* trazem uma experiência emotiva diferente para o sentimento que se quer passar no momento do

diálogo. No entanto, nem sempre eles são utilizados adequadamente de acordo com o sentimento que se quer transmitir. Muitas vezes pela necessidade de uma comunicação rápida o usuário acaba enviando um *emojis* que não condiz com a realidade da interação daquele momento e devido a isso há uma perda da experiência. A experiência ainda de acordo com Benjamin acaba sendo utilizada como pretexto para a própria experiência: experiência em cima de experiência.

Nos dois diálogos, abaixo, interpretaremos os fatores que levaram a uma perda da experiência, como bem discute Walter Benjamin. Para isso, partiremos das informações disponibilizadas durante o diálogo.

Figuras 2: Conversas extraída do *WhatsApp*



Fonte: recolhidas do aplicativo *WhatsApp* (reprodução autorizada).

As redes sociais, a exemplo do Facebook, Instagram e WhatsApp, são, hoje, ferramentas comunicativas indispensáveis nessa sociedade globalizada e imagética a qual fazemos parte. A troca ou não de experiências nessas plataformas comunicativas são sempre passageiras e sem muitos aprofundamentos nas trocas e nas relações interpessoais com o outro. Já dizia Walter Benjamin que estamos a caminho da barbárie, a barbárie chega e ganha espaços, à medida que as experiências são comparadas ou tratadas com tamanha similitude às vivências. É preciso ter cautela. A necessidade das velocidades tem deixado com que a linguagem oral e escrita fique de lado.

A nossa sociedade altamente globalizada tem feito com que a linguagem visual ultrapasse as demais formas de linguagem, e acreditamos que veementemente isso pode

nos levar futuramente a barbárie que Walter Benjamin, há tempos, já nos alertava. Com base nisso, no diálogo acima, se propõe uma discussão acerca de um momento difícil e sério em que estamos vivendo: a quarentena, que é propiciada devido ao COVID-19. O diálogo é entre duas pessoas a partir da rede social WhatsApp. O interlocutor inicia a conversa cumprimentando de maneira saudosa o outro usuário ao utilizar “Olá! Boa tarde!”, e, logo na sequência, pede para que ele comente um pouco sobre a sua quarentena, já que se supõe que este momento não está sendo fácil para ninguém. E, talvez, como uma forma de amenizar a situação ainda conclui afirmando que faz tempo que a tinha visto, certamente devido também a esse período de isolamento que nos obriga a ficar distante das pessoas.

O destinatário, por sua vez, mostra pouco interesse em dialogar com o interlocutor, e para isso envia apenas um *emoji*, expressando choro, que evidentemente nos remete a uma tristeza e amargura diante do cenário em que nos encontramos. No entanto, se observa que houve uma fragmentação do diálogo, isto é, a sociedade de informação, hoje, com a propulsão das TIC’s tem levado o sujeito a ter práticas sociais e intersociais cada vez mais incompleta, o estar junto do outro já não é tão importante assim, ao passo que com o excesso e facilidade dos diálogos nas redes sociais é natural que haja uma banalização das conversas.

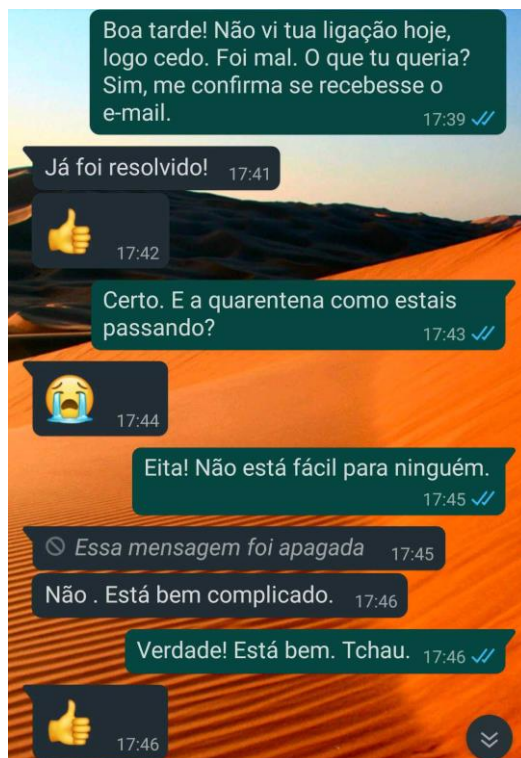
A fragmentação se instaura, no sentido de que a informação enviada é incompleta, ou seja, o destinatário em momento nenhum saúda o interlocutor ou até mesmo comenta com mais propriedade o que é solicitado. O que se observa, logo, é um descaso ou desinteresse quanto à continuação da conversa. De igual modo, o destinatário também não retribui ao momento em que o interlocutor afirma que faz um tempo que não a vê. O envio dos dois *emojis*, pelo destinatário, não fica claro se se refere aos dois posicionamentos que são levantados, ou se se refere apenas a um.

Em seguida, o destinatário tenta empreender uma continuação da conversa quando afirma que teria algo para entregar, mas que devido a quarentena está impossibilitado, a resposta, no entanto, nos parece um tanto inconveniente, é como se ele estivesse se sentindo incomodado ou ocupado e não quisesse prosseguir com o diálogo. Inclusive, o responde de forma bem irônica que não está recebendo visitas e que os papeis podem ser enviados pelo e-mail. Neste quesito, compreendemos o que Benjamin nos diz que as nossas experiências não têm mais calor humano, são experiências em cima de experiências.

É como se responder alguém fosse uma obrigação e não uma satisfação, pelo menos é o que fica expresso no diálogo. Na conversa seguinte, se percebe que o interlocutor tenta justificar o que falou anteriormente, ou seja, ele não esperava, talvez, esse tipo de comportamento do usuário e se justifica pedindo desculpas se passou a impressão de que iria a casa do destinatário, e na contra resposta, também percebendo a situação desconfortável para ambas as partes, o interlocutor pede também desculpas, alegando ter receio de receber vistas. Somente, no final do diálogo, é que parece haver um indício de uma troca afetiva de fato. Ambos, mais uma vez, pedem desculpas e terminam a conversa resolvendo toda a situação desconfortante e com um envio de um *emoji*, com um coração celebrando a paz, o amor e o respeito.

Dessa maneira, diante desse exemplo que acabamos de demonstrar fica claro que os *emojis* são propulsores de significados sejam estes positivos ou negativos e que seu uso, a depender do contexto em que é empregado, pode suscitar outras formas de leituras e interpretações. O exemplo acima é a realidade de muitas de nossas conversas no dia a dia com as pessoas, as respondemos, muitas vezes, por educação, mas não sentimos mais a necessidade de dar continuidade a uma conversa prazerosa e calorosa. O uso recorrente das TIC's em nossa formação acaba nos impondo um novo padrão de condutas, que só reforça a cultura que está sendo colocada nos dias atuais: midiaticizada, visual e veloz.

De igual modo, analisaremos no outro exemplo como essas questões também ocorrem.

Figura 3: Conversa extraída do *WhatsApp*

Fonte: recolhidas do aplicativo *WhatsApp* (reprodução autorizada).

Neste exemplo, o desinteresse pela conversa se mostra mais intensa. Assim como no outro exemplo, o interlocutor se dirige ao destinatário de forma saudosa e alegando que não viu a tempo a ligação e pergunta o que ele queria ao ter feito a ligação e conclui, já quase esquecendo, pedindo que esse mesmo destinatário verifique seu e-mail, pois evidentemente algo foi enviado. O destinatário, portanto, responde, e também não o cumprimenta e muito menos justifica o motivo de ter ligado, apenas diz que tudo foi resolvido, dando a entender que não quer mais conversa, e o envio do *emoji* do polegar indicando um “ok” justifica a rapidez e nada de experiência como o destinatário trata o interlocutor. É na verdade um diálogo forçado.

Continuando a conversa, nas próximas mensagens o interlocutor ainda tenta puxar um assunto, mesmo que ele já tenha percebido que o destinatário não está afim, e pergunta como ele está passando a quarentena, e ele responde apenas com o envio de um *emoji* chorando, despertando tristeza, e não fala mais nada, encerra a conversa por ali. O interlocutor, mais uma vez, insiste e afirma que a situação realmente não está fácil para ninguém, e o destinatário confirma. No entanto, ele responde somente ao que é

perguntado e nem sequer se mostra interessado em até mesmo devolver as mesmas perguntas a outra pessoa da conversa.

Essa tendência em sermos imediatos e rápidos nas trocas com o outro tem seu lado positivo e o negativo. O positivo é que as mensagens chegam instantaneamente, e o negativo é que não há mais diálogo efervescentes, não existe aura, não existe mais sentido e nem clima. São respostas em cima de respostas, não há mais sentimentos humanos. A representatividade dos *emojis* em uma conversa pode ser mera abstração e não representar de fato o espírito humano da pessoa que enviou. Às vezes por trás de um bonito *emoji* há muitas tristezas, incertezas e frustrações. É como afirma a pesquisadora Gaviolli, em seu trabalho *O uso dos emojis por meio do WhatsApp nas relações de trabalho* (2016), que “O uso de emojis promove o tom intencional do enunciador para o enunciatário” (GAVIOLLI, 2016, p. 259). E muitas vezes é isso mesmo, há uma intenção, um propósito nesses usos e envios dos *emojis*, no entanto se vai condizer com a realidade do diálogo proposto é outra história.

Considerações finais

A nossa contemporaneidade é marcada essencialmente pela instantaneidade e pelas práticas sociais cada vez mais velozes. A esse respeito, as nossas práticas de linguagem e de escrita são consubstancialmente frutos dessa brevidade com que tratamos as experiências. Estas, quase sempre, pautadas nas fragmentações, nas incertezas e nas incompletudes. Esta breve discussão que levantamos tenta mostrar, por meio da linguagem dos *emojis*, o quanto as nossas experiências na relação com o outro estão se dando de maneira cada vez mais distantes.

E a sociedade da informação, promulgada pelas TIC's, tem nos conduzido a isso e a esse tipo de status fixo. É necessário, como discutimos, sair da cristalização e da fixidez e adentrar nas formas de relações sociais mais calorosas, tendo o contato face a face com o outro. A internet juntamente com alguns aplicativos de rede social tem nos permitido um certo distanciamento ao outro. Este distanciamento se refere ao fato, e concordando nesse ponto com Benjamin, que a rapidez nas trocas nos causa uma descaracterização e conseqüentemente empobrecimento das formas de experiências. A análise que nos propusemos é o reflexo dessa questão. Diálogos pautados na incompletude e na “satisfação” de imediato. No entanto, o real sentido da aproximação,

ou que deveria ser aproximação, acaba de “afastando” ainda mais. É o tempo todo nessa antítese.

Concluo, portanto, esta investigação afirmando que pensar Walter Benjamin na atualidade é, sem dúvidas, um desafio necessário e constante, pois o tempo inteiro estamos nos (re)inventando e nos (re)descobrimo, e nesse descobrimento de nós mesmos acabamos nos descobrimo no lugar do outro, ao qual Benjamin nos faz tanto refletir. Essa discussão é apenas um convite para que outros trabalhos possam ser suscitados, afinal de contas, Benjamin nos permite recorrentes leituras e releituras.

Referências

ARAÚJO, J. B. M. **Sobre a linguagem em geral e o que diz a linguagem do homem em Walter Benjamin.** (2012). Disponível em:

<http://www.gewebe.com.br/pdf/cad14/caderno_03.pdf> Acesso em 01 nov. 2019.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011. p. 114-7.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011. p. 197-21.

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem.** São Paulo: 2011, p. 49-73.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p. 121-6.

GAVIOLLI, F. M. O uso dos emojis por meio do WhatsApp nas relações de trabalho. In: **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 20 n. 20, p. 247-260 jan/dez. 2016.

MATEUS, S. A experiência e a vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação. In: **E-compós**, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.17, n.2, mai./ago. 2014.

MEINERZ, A. **Concepção de experiência em Walter Benjamin.** Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PAIVA, V. L. M de O e. **A linguagem dos emojis.** Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (55.2): 379-399, mai./ago. 2016